

Salete prefere celebrar a vida

Secretária da Faculdade de Ciências Médicas enfrentou linfoma com a ajuda de amigos e parentes

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@unicamp.br

Então, a irmã ofereceu-lhe um chapéu branco, para que ficasse ainda mais bela e protegesse dos raios solares, e a acompanhou num passeio ao shopping. Apos-tou na maquiagem, a qual sempre realçou sua beleza, e foi. Comprou uma calça mais justa, pois as suas estavam com folga – mulher nenhuma pode perder o charme. Aprendeu isso com outra paciente, que tinha o dobro da idade, e sempre comparecia, religiosamente, às sessões de quimioterapia toda produzida. “Observei-a. E vi que eu poderia aprimorar meu emocional.”

Salete Gobi Chiulle Dias aprendeu a contar os dias no momento do diagnóstico e no início do tratamento contra um linfoma não-hodgkins, mas logo aprendeu a vivê-los com aquele presente grande e branco, aquela roupa mais ajustada, aquela senhora cheia de vida, mas principalmente com o amor da família e da amiga de quimioterapia Solange, que a acompanhava quando Renata, sua irmã, não podia. Percebeu, numa trajetória dolorosa, que os momentos de alegria existem também para amenizar sofrimento. Aprendeu que nem sempre a linha reta leva ao ponto certo, mas os fios tortos podem oferecer resultados bem-sucedidos. “Tudo na minha vida foi assim. E aquela fase evidenciou isso. Sempre planejo minha vida, mas ela nem sempre segue por onde desejo e, mesmo assim, se converte para um bom resultado.”

Meados de 2012. O olhar protetor e vigilante de Victor Matheus, 16 anos, tenta convencer a mãe a não sair de casa, mas Salete tem um dos compromissos mais importantes daquele momento: fazer artesanato com patchwork, “ver as meninas” da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, rir bastante, sentir-se mais útil que doente, expor a contragosto, mas vender todos os guardanapos na Feira das Mães da FCM. Estava em casa, de licença, mas precisava rever a Unicamp e fazer tudo o que significasse vida. Cumpriu até o fim as atividades da oficina do projeto “Fazeres Espelhados”, vencedor local do Prêmio Paepe na FCM, dedicado a funcionários da Unicamp. “Fui fazer patchwork e meus encontros com as meninas ajudaram na recuperação do emocional. Descobri que não só o físico precisa ser curado”. Quem ajudou nos arremates foi a mãe, Neusa Niero, aposentada na Unicamp.

Entre a quimioterapia e as privações, algumas alegres reuniões de família elevaram de forma surpreendente uma taxa de imunidade, a ponto de fazer o médico se render. “Certa vez, fizeram a festa de meu cunhado em casa porque eu não podia sair. Quando voltei ao consultório, o médico disse que era bom ver que uma reunião de família ajudava nisso”, lembra, sorrindo. Quando descobriu que havia espaço para felicidade e esperança, Salete acelerou os resultados positivos do tratamento.

Hoje, potencializada, fala sem preconceito da doença que a assustou no momento do diagnóstico. Sempre preocupada com agenda profissional e pessoal – que não é só sua, mas também de Victor Mateus (16), Arthur Henrique (14), Júlio César (9) e Wagner, o marido –, viu que, ao final, todos estão bem e assistidos pelo marido, pelas tias, pelas avós. O trabalho a recebeu de portas abertas, e a vida, essa continua, para sua felicidade e de todos impossibilitados de esquecer o sorriso de Salete.

Renata – que lhe deu o chapéu branco – não saía de sua casa. E as outras duas, Andréia e Veridiana, também estavam sempre presentes, como sempre foram vistas desde que Salete entrou na Universidade, em 1986, aos 14 anos. Como foi a última a entrar, Renata e Andréia davam pequena parte do salário em troca de alguns préstimos. “Avisaram minha mãe, funcionária do Cecom na época, que a Unicamp havia aberto processo seletivo para adolescentes. E adolescente era o que ela mais tinha em casa”, brinca. Desde que chegou, todos podem conviver com as filhas de dona Neusa. Salete ficou mais conhecida por lidar com saúde, mais precisamente com a liberação de guias de atendimento exigidas pela Unimed na época.



Salete Gobi Chiulle Dias, funcionária da Unicamp desde 1986, hoje, (foto maior), e quando fazia tratamento, (fotos menores): história de superação

A união da família foi importante em outro momento em que os fios tortos decidiram delinear a história. A dor que levou Salete ao pronto-socorro antes de o linfoma ser diagnosticado voltou a incomodar, e a família teve de assinar um termo de compromisso para que pudesse fazer cirurgia da vesícula. Isso mesmo, apesar de ter motivado a descoberta do linfoma, a dor nada tinha a ver com isso, e sim com uma infecção na vesícula, que já migrava para o pâncreas. “Voltamos várias vezes ao hospital, e eu com imunidade baixa, sem poder ir para a mesa de cirurgia. O médico dizia que, se me submetesse a cirurgia, eu morreria. Essa foi mais uma mostra de que o controvérsio pode levar ao ponto certo. Se não fosse essa dor, não teriam visto o linfoma, que só pode ser diagnosticado em estado avançado.”

Então, perdemos os erros? De certa forma, sim, Salete só quer celebrar a vida. Até porque mais uma vez, as linhas tortas “brincaram” de fazer direito na vida de Salete. Após a cirurgia, ainda sonada, ouvia uma voz gentil a lhe oferecer comida:

– Precisa se alimentar. Está tão magrinha.

Era o enfermeiro. Esta frase foi ouvida muitas vezes, até que ela resolve atender ao pedido do profissional. “Comi tudo o que estava na bandeja”. Mas eis que o enfermeiro aparece na porta do quarto, mais embranquecido que a Lua, e pergunta:

– A senhora comeu tudo?

A que responde, Salete:

– Sim. Por quê? Não era para comer?

E ele, atônito, replica:

– A senhora estava de dieta de 24 horas.

Naquele primeiro dia sem dor, diante do resultado bem-sucedido da cirurgia, Salete, generosamente, olhou para o enfermeiro e disse:

– Você fez com boa intenção. Então, vamos confiar. Não vai acontecer nada.

A família, já acostumada a sentir as dores com a secretária, surpreendeu-se ao encontrar, no dia seguinte, com uma mulher restabelecida, em condições de retomar o tratamento com um pouco mais de qualidade de vida. Mais uma vez, a imunidade se elevava de uma forma inesperada pelos médicos. O fato de “tirarem” dela o que de fato a afligia fez com que as ações da química fossem menos agressivas. “Pedi para o médico adiar a sessão seguinte de quimioterapia, e o organismo reagiu muito bem.”

LEMBRANÇAS

Quando se quebra o preconceito com a própria doença, na opinião de Salete, a luta,

que envolve toda a família, torna-se menos penosa. Sem ser estimulada ou forçada a falar sobre isso, naturalmente começa a lembrar, até pela importância de informar as pessoas sobre a doença.

Naqueles dias de espera, chegou cedo ao trabalho e agiu como se tudo estivesse bem. Tentava entender por que o fato de estar ali, já que nenhuma dor intensa mais a incomodava, causava espanto em alguns médicos do Departamento de Patologia Clínica da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Nova na secretaria desta área, sob a expectativa de não ter mais dias dolorosos, desejava trabalhar, como sempre fez desde que ingressou na Universidade, ainda adolescente. Permaneceria ali nos próximos meses, mas um dos médicos do departamento, sabendo da linfonodomegalia, decidiu abreviar o tempo de entrega dos resultados de exames realizados no hospital particular e ofereceu-se para encaminhá-la a especialistas da própria Unicamp.

Foram eles, os especialistas tão próximos dela, que diagnosticaram o linfoma não-hodgkins. Com certas dificuldades, no início, para aceitar o diagnóstico, Salete direcionou sua atenção ao tratamento da doença. Aprendeu que é natural a mudança de comportamento entre a fase de diagnóstico e início de tratamento, mas, mesmo assim, lutou também para que o emocional interferisse de forma positiva, e não negativa, na recuperação.

No início da série de indisposições, durante um Encontro de Secretárias da Unicamp em setembro de 2011, reencontrou uma das amigas que a acolheram no prédio do Centro de Saúde da Comunidade, em 1986. As conversas com Isaura Maria Nogueira Soave tornaram-se mais frequentes, e Salete estava feliz com a proximidade. “Refleti muito sobre nossa conversa, a doença dela e, em abril, internei, pois decidi que faria um escândalo no hospital se fosse necessário. Cheguei tirando roupas, sapatos, de tanta dor que sentia. Fiquei nove dias internada, e eles me tratando com morfina. Eu e meu marido não tínhamos ideia do que poderia ser linfonodomegalia principalmente porque pode ser benigna. Voltei a trabalhar porque não imaginava que fosse maligno, mas as pessoas estranharam.”

E se não sabia por que parar no Departamento de Patologia, depois de 12 anos na Faculdade de Ciências Médicas, a teimosia das linhas a explicaram. “Se tivesse em meu setor anterior, não teria como me afastar com tranquilidade para realizar o tratamento. Aqui, quando me afastei, foi mais

tranquilo”. Ao voltar, o medo de ser poupada foi rapidamente sanado pelo carinho dos colegas de trabalho, os mesmos que durante o afastamento ligavam em sua casa para saber como estava passando. “Sílvia e Paulinho foram muito amigos, muito carinhosos. Foi ela que me incentivou a voltar à Faculdade para concluir o curso de administração, trancado durante o tratamento. Até porque eu já havia abandonado um curso de graduação em Farmácia, aos 18 anos, por falta de condições econômicas.”

Meses depois de sua volta, outra resposta inesperada às inquietações de quem retorna ao ambiente de trabalho: seria convidada a administrar a área de Patrimônio da Faculdade de Ciências Médicas. Foi lá, nesse ambiente novo de trabalho, que recebeu a equipe de reportagem, falou sobre as realizações dos filhos, a felicidade da família, a nota máxima no trabalho de conclusão do curso de administração, meses depois da recuperação e da remissão do linfoma. “Tudo aconteceu num momento em que o Victor não passou no vestibulinho para o Cotil, mas veja, como meu marido se organizaria sozinho com dois filhos estudando em Campinas e outro em Limeira? Descobrimos o mesmo curso em uma escola particular. E ele está muito feliz. Como eu disse, tudo, ao final, convergiu para um resultado feliz.”

Assim como as três irmãs, os três irmãos (Victor, Arthur e Júlio) foram chegando aos poucos à Unicamp, pelas portas do berçário do Centro de Convivência Infantil (Ceci), hoje Dedic. “O Ceci foi tudo em minha vida. Aprendi até a cozinhar, a dar sabor à papinha dos meus filhos. Os caras não comiam em casa, somente no Ceci. A Lucila me ensinou muito a lidar com meus filhos.”

A experiência de vida na Unicamp foi importantíssima. “Os jovens não tinham muita opção na nossa época. Quem viveu há 40 anos, viveu vida com menos fatura. A vida era mais vulnerável. Foi um presente para mim e minhas irmãs. Queríamos trabalhar, precisávamos também”. A vida no trabalho foi dividida com o desfile de roupas pretas pela cidade. “Éramos *dark*. Andávamos de preto. Como você lembrou? Era tudo difícil, mas era tão bom. O trabalho foi muito importante para meu crescimento pessoal. Sabíamos que teríamos um retorno. Só lembro de coisas boas na Unicamp. Tenho de agradecer a muitas pessoas. Hoje agradeço muito pela vida.” E a Unicamp ao chapéu branco, responsável pelos primeiros passos alinhavados por Salete em direção à nova vida e em direção ao campus, de volta, em missão ainda mais importante: testemunhar a vida.

